

Representações familiares sobre as alterações no desenvolvimento da linguagem de seus filhos*

Maria Elizabeth Siqueira Lemos**

Cláudia G. C. Barros***

Regina H. C. Amorim****

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa em Educação e Saúde, desenvolvida pela autora, no mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina – UFMG e foi realizado na Clínica-escola de Fonoaudiologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, BH-MG. Aborda a construção e a análise do Discurso do Sujeito Coletivo de familiares de crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem, que aguardam vaga para atendimento especializado. O discurso analisado revela que as crenças e as concepções que os familiares têm a respeito das dificuldades de seus filhos interferem no modo como conduzem suas ações e no enfrentamento de suas dificuldades. As alterações de linguagem podem criar problemas nas relações familiares e comprometer o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, sendo, portanto, um tema de saúde coletiva.

Palavras-chave: discurso do sujeito coletivo; desenvolvimento da linguagem; construções mentais; crenças familiares; comunicação.

Abstract

This work is part of a research on Health Education, developed by the author for her Master's degree on Child and Adolescent Health Science at University of Medicine at UFMG (Faculdade de Medicina – Universidade Federal de Minas Gerais). It took place at the Clinic-school of Speech Therapy College at Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, BH - MG. The Collective Subject Discourse technique was used to analyze the speech of family members of children with alterations on Language Development. These children were waiting for a place where they would get specialized care. The speech analyzed shows that the parent's concepts and beliefs regarding their children's difficulties interfere in the way these parents act and also in the way they face those difficulties. Speech alterations could create problems in the family relationships and compromise the child development and learning. Therefore, it is considered a collective health issue.

Key-words: collective subject discourse; speech development alterations; mental constructions; family beliefs; communication.

*Trabalho vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e ao Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Este trabalho foi apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. ** Psicóloga, especialista em Atendimento Familiar pela PUC-MG; especialista em Psicomotricidade pela FUMEC-BH; mestre em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina UFMG; professora da Pós-Graduação em Psicomotricidade pela FUMEC-BH; professora da graduação em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, BH. *** Fonoaudióloga; mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina; professora da graduação em Fonoaudiologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, BH; professora da graduação em Fonoaudiologia pela PUC-MG. **** Neuropediatra, doutora em Pediatria pela Faculdade de Medicina UFMG; professora do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina UFMG.

Resumen

Este trabajo forma parte de una investigación en Educación y Salud desarrollada por la autora, en su magister en Ciencias de la Salud del Niño y del Adolescente, de la Facultad de Medicina – UFMG, y realizada en la Clínica Escuela de Fonoaudiología del Centro Universitario Metodista Izabela Hendrix, BH, MG. Utiliza la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo en el análisis de los discursos de familiares de niños con alteraciones en el desarrollo del lenguaje, que esperan una plaza en la clínica para cuidado especializado. El discurso analizado enseña que las creencias y concepciones que tienen los familiares a respecto de las dificultades de sus hijos interfieren en la manera como conducen sus acciones y en el enfrentamiento de esas dificultades. Las alteraciones de lenguaje pueden crear problemas en las relaciones familiares e interferir en el desarrollo y aprendizaje del niño y, por ese motivo, es ese un tema de investigación en salud colectiva.

Palabras claves: discurso del sujeto colectivo; alteraciones en el desarrollo del lenguaje; construcciones mentales; creencias familiares; comunicación.

Introdução

Ter uma criança com deficiência ou dificuldades especiais, inclusive de linguagem, gera angústia familiar e pode desencadear conflitos que afetam a saúde da família e as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Se tais dificuldades não forem tratadas, comprometem o futuro dessas crianças do ponto de vista emocional, social, cognitivo e de aprendizagem. As indagações sobre o que os pais conhecem a respeito das dificuldades de comunicação de seu filho e como lidam com elas determinaram o início desta pesquisa. Reconhecemos que toda reflexão, todo fazer, ocorre no domínio da linguagem. Há, ainda, necessidade de um “olhar sistêmico” sobre o tema, aceitando sua complexidade, na busca de compreendê-lo no contexto relacional.

Em nossas concepções, a linguagem possibilita a comunicação, a interação social, a transmissão cultural, a vivência de pertencer a um grupo e a formação de identidade. O desenvolvimento da linguagem é um processo de aprendizagem, de construção de relações, de significados em níveis: pessoal, social e cultural. Apresentamos a seguir algumas peculiaridades das concepções de autores, a partir dos quais fundamentamos o presente estudo.

Para Piaget (1975), o pensamento se apóia na ação e precede a linguagem. Esta enriquece o universo infantil, permitindo à criança superar esquemas rígidos da inteligência prática. Para ele, a linguagem aumenta o poder da inteligência, o que por

si só justifica a preocupação com crianças que apresentam alterações em seu desenvolvimento.

Vygotsky (1984) estudou a inter-relação entre pensamento e linguagem. Considera que a função primordial da linguagem é a comunicação e o contato social. Afirma que o desenvolvimento do pensamento vai do social para o individual e que a interação social e o instrumento lingüístico são decisivos para se compreender o desenvolvimento cognitivo. A linguagem é poder de ação, criação e intervenção cultural.

Os biólogos Maturana e Varela (2004), ao apresentarem a chamada biologia do conhecer, sustentam que os seres vivos e o mundo estão interligados e enfatizam a importância da linguagem no processo de conhecer a si mesmo e ao mundo. Apontam as coordenações de comportamentos, manipulação dos objetos e comunicação como inseparáveis da experiência. A linguagem origina-se dessas coordenações dos comportamentos e da possibilidade de reflexão sobre eles e permite, assim, aos indivíduos perceberem que compartilham um mundo.

Em nossos estudos, consideramos que fatores sociais, cognitivos, biológicos e lingüísticos interagem entre si e afetam o desenvolvimento geral. As estruturas de linguagem derivam das funções sociocomunicativas no contexto social e das associações de hábitos desenvolvidos na rotina da criança. Identificamos o papel da mãe como modelo social e fonte de experiências para a criança. Temos percebido que é difícil separar, na criança pequena, a habilidade lingüística da habilidade cognitiva. Pais e filhos aprendem a se sintonizar nas

manifestações vocais, e a criança adquire, gradualmente, os rudimentos do uso e o conteúdo da língua. Com o desenvolvimento sensorio-motor, os movimentos manuais são associados aos sons; a criança fica mais ativa e é capaz de localizar os objetos e os sons por eles provocados. Sua capacidade interativa com o meio se torna cada vez mais evidente. A repetição de brincadeiras, expressões faciais e imitações, comuns no convívio social, será determinante no desenvolvimento da comunicação. A criança imita os pais e utiliza-se, pouco a pouco, de fragmentos assimilados do contexto familiar, o que possibilita a linguagem interna do grupo; desta forma, muitos gestos e trejeitos utilizados por uma família não fazem sentido para pessoas estranhas a ela. Esse processo adaptativo é chamado por Maturana e Varela (2004) de acooplamento estrutural. A criança observa as reações dos pais aos seus comportamentos e manifestações e compreende a intenção materna/paterna, inicialmente, a partir de variações no tom de voz e expressões faciais, às quais é muito perceptiva. Vocalizações e gestos são usados pela criança para manifestar necessidades, intenções, sentimentos. Percebem e imitam expressões e sons mais usados pelos pais e gradualmente compreendem o significado que os pais lhes dão, em um processo altamente interativo. Trata-se do início do processo de aquisição da linguagem.

O cotidiano do indivíduo é perpassado por concepções e crenças culturais que não lhe despertam preocupações, visto que ele não tem clareza delas. Concepções e crenças são construções cognitivas, também chamadas de representações mentais, que as pessoas elaboram em determinado contexto sociocultural, como forma de compreender e explicar a vida. Tais crenças são geralmente determinantes no direcionamento e enfrentamento dos desafios encontrados, podendo facilitar ou dificultar suas soluções. Essas representações orientam as ações em situações nas quais a pessoa não dispõe de outros tipos de conhecimentos ou recursos e têm efeitos funcionais de sobrevivência em muitas ocasiões, mas em outras podem ser inadequadas e tornam-se disfuncionais.

Segundo Papp (1992), as concepções e crenças afetam os relacionamentos familiares nos níveis:

1. Comportamental: refere-se aos efeitos subjacentes do comportamento de uma pessoa sobre outra e possíveis ganhos relacionais do sintoma.
2. Emocional: refere-se à função e à forma de expressão dos sentimentos. Essas expressões são recursos poderosos para influenciar os membros da família.
3. Ideativo: identifica como os membros da família percebem o problema e como reagem a ela. Esse nível está relacionado ao sistema de crenças familiares e estende-se além da consciência. É possível compreendê-lo pelo conteúdo das comunicações e pelo processo de relacionamento.

Temos verificado que alterações no desenvolvimento da linguagem podem representar sérias conseqüências na vida da criança. Muitas dificuldades de linguagem se devem a problemas neurológicos, retardo mental ou doenças congênitas. Contudo, algumas alterações podem acontecer devido a circunstâncias relacionais e contextuais, como, por exemplo, quando o adulto não compreende os comportamentos comunicativos intencionais da criança, tais como relacionar os gestos e olhares dela com seus desejos e necessidades. Bishop e Adams (1990) compartilham de nossas percepções e comentam que, devido a alterações no desenvolvimento da linguagem, as crianças se isolam, evitam brincadeiras em grupo, têm dificuldade em demonstrar suas necessidades e em defender seus interesses, o que gera problemas relacionais algumas vezes associados a problemas de comportamento. O desempenho escolar pode ser inadequado com conseqüências nas habilidades futuras da criança. No entanto, é necessário reconhecer que esse processo pode ser evitado, desde que as dificuldades sejam adequadamente enfrentadas.

Estas reflexões sobre a linguagem como possibilidade de evolução humana, de desenvolvimento da consciência e de formação de identidade, bem como o caráter interativo e sistêmico de sua evolução, justificam a relevância de se conhecer as representações que os familiares têm a respeito das dificuldades de seus filhos, pois essas concepções influenciam as condutas e o enfrentamento da situação.

Buscou-se ainda verificar, neste estudo, se as dificuldades comunicacionais das crianças representavam um problema para as famílias.

Um problema é algo que alguém vive como dificuldade, sendo validado pelo outro, no contexto relacional determinado. Goolishian e Winderman (1989) consideram que, para um problema existir, alguém precisa especificá-lo e outra pessoa



precisa aceitá-lo. A família define sua existência com todos os membros envolvidos, ativamente, em conversações sobre o mesmo. As concepções, que os familiares apresentam quanto às dificuldades de seus filhos, poderão constituir-se, ou não, como um problema e terão influência nas interações estabelecidas.

Conhecer as representações que a família elabora sobre a dificuldade comunicacional da criança ampliará a compreensão dos profissionais de saúde quanto a atitudes e comportamentos que a família manifesta, isto é, o que ela pensa e faz, o que poderá ser fator de grande relevância na eficácia das intervenções realizadas.

Investigar esses aspectos, em famílias que definiram a existência de um problema de comunicação em seu filho, foi um dos objetivos propostos pelo presente estudo que foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, em 14 de julho de 2004. É longa a espera das famílias por fonoterapia, tanto na Rede Pública de Saúde, como nas diversas clínicas-escola. Algumas crianças aguardam até dois anos para serem atendidas por serviços especializados em Fonoaudiologia.

Metodologia

Trata-se de pesquisa exploratória que constituiu parte de um estudo sobre Educação em Saúde, desenvolvido pela autora no mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da UFMG. Ela foi realizada na Clínica-escola de Fonoaudiologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte-MG. O estudo investigou as representações mentais (construção cognitiva e crenças) que os familiares tinham sobre as dificuldades de seus filhos e o modo como lidavam com essas dificuldades. Foi utilizado o método clínico-qualitativo, uma forma de investigação científica que permite o estudo do objeto escolhido em profundidade, considerado como um método adequado às ciências humanas, médicas e sociais (Turato, 2003). Esse método viabiliza estudo de crenças e atitudes sobre assuntos mais delicados, de foro íntimo, os quais não seriam possíveis por métodos quantitativos. Nesta perspectiva metodológica, o pesquisador pode escolher os procedimentos de investigação que melhor se ajustem a seus objetivos, levando em conta suas características pessoais e experiên-

cia profissional. Optou-se, então, pela obtenção dos dados por meio de entrevista individual, semi-estruturada. Nessa modalidade de entrevista, proposta por Tobar e Yalour (2001), o pesquisador tem um guia de temas a serem abordados e aprofundados em entrevista individual. Esse guia favorece o aumento da consistência entre as várias respostas de diferentes sujeitos e mantém maior clareza dos objetivos, melhor aproveitamento do tempo disponível e maior facilidade na sistematização dos dados. Essa abordagem permite mais flexibilidade ao entrevistador que pode investigar e ampliar temas que considere necessários. Tal recurso ajuda a descrever e analisar a cultura e a conduta dos informantes quanto ao tema proposto e possibilita o reconhecimento de regras culturais. A entrevista semi-estruturada isola e define domínios culturais, tópicos e categorias, que têm sentido peculiar para a população pesquisada. Além disso, também ajuda a entender a maneira como as pessoas se organizam e como dão sentido ao mundo que as rodeia. Portanto, a partir de questões gerais, o pesquisador fica livre para seguir o pensamento do entrevistado e elucidar, com perguntas complementares, os temas colocados que envolvem crenças, valores, concepções e comportamentos.

O estudo dos resultados foi realizado pela análise de conteúdo, utilizando-se dos recursos técnicos de construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Esse procedimento possibilita a análise das respostas pelo método de investigação DSC, com o software Qualiquantiso, instrumento criado e desenvolvido na USP, pelos pesquisadores Lefèvre e Lefèvre e Salles (2004), que permite identificar similaridades, complementaridades e divergências entre o discurso de várias pessoas. Trata-se de uma técnica operacional, simples e adequada ao exame de material verbal, feita por meio da identificação das idéias centrais extraídas de cada entrevista gravada e transcrita. A forma de apresentação dos dados é a construção de um discurso único, composto por todas as respostas, a partir das quais são construídas categorias. Lefèvre e Lefèvre (2003) consideram que, pelo fato de cada indivíduo estar imerso num contexto social, suas construções mentais são por ele influenciadas. Portanto, a fala é representativa da coletividade da qual a pessoa participa.

Essa análise não permite comparar quais crenças determinam comportamentos específicos. No Discurso do Sujeito Coletivo, um mesmo indi-



víduo pode dar respostas que se encaixam em mais de uma categoria, o que sugere a busca de explicações para o problema vivenciado. Ao se propor uma apreciação das construções ideativas de várias pessoas, a respeito de um tema, busca-se ter o conjunto de idéias representativas daquele grupo. Acredita-se que os achados relatados nesse estudo se aplicam a várias situações similares.

Sujeitos

A população que procura a Clínica-escola de Fonoaudiologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, BH-MG é, em sua maioria, de baixo nível socioeconômico, muitas vezes sem recursos para custear o próprio transporte e receberam, anteriormente, pouca orientação sobre o problema do filho.

As crianças deste estudo tinham alterações no desenvolvimento da linguagem, mas não apresentavam outros comprometimentos identificados pelos pais (orgânicos, mentais, neurológicos, auditivos ou emocionais).

A amostra foi determinada pela acolhida ao convite realizado a 123 familiares de crianças entre 3 e 6 anos, com queixa de alteração no desenvolvimento da fala e linguagem e que aguardavam vaga para fonoterapia. Todos foram contactados por telefone e convidados para uma reunião na Clínica-escola, a fim de conversarem sobre o problema de seus filhos. Nessa reunião, compareceram 37 responsáveis (pais, mães, avós, tias). Todos tiveram oportunidade de falar sobre o motivo de terem procurado ajuda na Instituição. Aproveitou-se o momento para a apresentação do trabalho realizado na Clínica-escola, seus regulamentos e a frequência semanal de atendimentos. Os pais foram convidados a participar do projeto a ser realizado sobre Educação em Saúde, que seria iniciado com uma reunião individual com a psicóloga da Instituição (uma das autoras deste estudo) para conversarem sobre os problemas de fala e linguagem da criança. Foi esclarecido que a não-aceitação ao convite não implicaria nenhum prejuízo quanto ao tratamento futuro na clínica. Participaram das entrevistas 18 familiares: 1 casal, 3 pais, 13 mães.

Procedimentos

As reuniões individuais foram conduzidas por meio de entrevista semi-estruturada, gravada com consentimento do responsável presente e com duração de aproximadamente uma hora. Na oportunidade, foram obtidas mais informações sobre a criança e a dinâmica familiar: necessidades e características da criança; percepção que o familiar tinha a respeito dela; problemas que enfrentavam e recursos de que dispunham para lidar com eles. Esses dados passaram a fazer parte da anamnese da criança na Clínica-escola.

Para o presente estudo, foram selecionadas duas das perguntas realizadas na primeira entrevista individual:

1. O que é problema de fala para você?
2. Como você lida com a dificuldade do seu filho?

Análise e discussão dos resultados

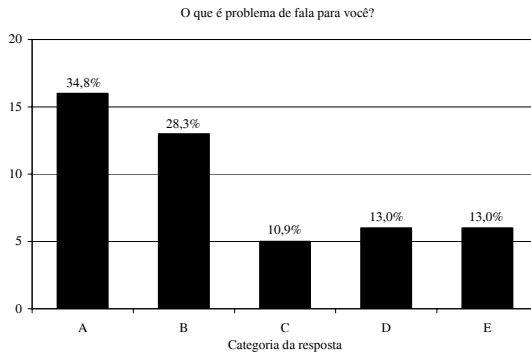
Foi constatado que os familiares, geralmente, não recebiam orientações sobre as dificuldades do filho. Muitas vezes, aguardavam a melhora espontânea, comparavam-no com outras crianças e estabeleciam paralelo entre as dificuldades de linguagem e a inteligência. Procuravam também explicar a situação por meio de causas orgânicas, relacionavam as dificuldades com ciúmes entre irmãos e se culpabilizavam por não terem paciência e não saberem lidar com a situação. A representação quantitativa das respostas está apresentada nos gráficos 1 e 2.

Quanto à pergunta: *“O que é problema de fala para você?”*, foram obtidas 46 respostas de cuja análise foram retiradas algumas explicações conceituais e outras mais relacionadas à origem do problema.

Com este resultado foi possível a seleção das seguintes categorias:

- A – Fala incompreensível
- B – Problema no corpo
- C – Dengo, preguiça, ciúme
- D – Utilização de muitos gestos
- E – Violência familiar e trauma

Gráfico 1 – Número e porcentagem de respostas versus categoria da resposta



De acordo com essas categorias, e a partir das idéias centrais, foi construído o seguinte Discurso do Sujeito Coletivo:

A – Fala incompreensível (34,8% das respostas)

É uma dificuldade muito grande para falar, a criança não fala quase nada, pronuncia palavras de forma errada, está com mais de 3 anos e troca letras, tornando a fala incompreensível, não consegue falar o que quer, a gente não entende, tem dificuldades nas palavras, pronuncia só uns pedaços, é horrível! Uma criança assim tenta falar o tempo todo, fica agitada e ninguém entende, ela tem que pensar muito e só sai poucas palavras, passou do tempo e não sai nada. Tem uma ansiedade de falar, o palavreado é embolado, embananado tudo, ela fica nervosa e a gente também, ela até desiste de falar. Nem eu que sou mãe entendo: é muito triste.

O discurso do sujeito coletivo, no que se refere a esta categoria, permite a compreensão de que as concepções dos pais se baseiam nos comportamentos que observam nas crianças, reconhecendo que algo está errado. Nota-se, na criança, o desejo de comunicar e ser compreendida. As vocalizações são consideradas como fala incompreensível; a criança articula sons, mas apresenta a dificuldade lingüística.

Law (2001) demonstra que vocalizações, ainda que incompreensíveis, são o rudimento da comunicação e indicam o desejo da criança de realizá-la. São consideradas o primeiro estágio da fala e, em muitos casos, a fala e a linguagem se instala-

ção naturalmente. O mesmo autor considera a linguagem como um sistema simbólico, usado pelas pessoas para se comunicarem. A linguagem envolve tanto a capacidade de perceber e decodificar os símbolos percebidos, quanto de produzir e codificar um símbolo decodificado pelo outro. A presença de impedimentos na utilização desse sistema simbólico parece, portanto, ser motivo de preocupação dos pais com os sofrimentos das crianças. A dificuldade da criança torna-se um problema familiar devido à incapacidade de se compreenderem.

B – Problema no corpo (28,3% das respostas)

A gente pensa em tantas coisas. Pensei que era um problema na corda vocal, mas o som sai, ela deve ter um problema no nervo, na base da língua, que não deixa a língua se soltar, tem o freio na língua, não vai muito para fora, não põe a língua no céu da boca. Eu tenho a impressão que está por ali. A olho nu não se vê, já até pensei que era problema de ouvido, mas escutar ela escuta bem. Fiz teste de audição e não deu nada. Acho também que pode ser problema de garganta, das amígdalas, vive inflamada, tem muita carne sobrando na garganta. Pode também ser alguma coisa dos dentes, ou até problema no parto, que foi complicado, ou então é herança, o pai foi assim, demorou a falar. É, acho que é da família, o pai tem outro filho que é surdo e mudo.

É possível pensar que a dificuldade dos pais para compreenderem o que ocorre acarreta a busca de explicações nas informações culturalmente veiculadas ou pelo sistema de crenças que, de alguma forma, os permita lidar com a situação. Isso está de acordo com as concepções ideativas propostas por Papp (1992). Quando os pais identificam o problema como estando no corpo, podem sentir-se impedidos de atuarem na situação e ficarão mais dependentes de intervenção externa. Para Law (2001), algumas dificuldades de fala podem ser relacionadas à estrutura orgânica, à capacidade de articular e coordenar o movimento, ou ainda, à emissão sonora.

C – Dengo, preguiça, ciúmes (10,9% das respostas)

Eu acho que é para chamar atenção. O colo dela foi tirado muito cedo, porque eu engravidei logo de novo. Na minha concepção, tudo começou com o nascimento do irmão, ela sentiu muito ciúme e agora eu não sei o que fazer. Quando ela tinha um ano e meio, o médico falou que era dengo, excesso de carinho. Mas agora, com quatro anos, será que ainda é isso? Não sei, pode ser preguiça e ela tá acomodada. É, acho que é preguiça mesmo, quer tudo na mão.

Compreendemos que ciúme entre irmãos é natural na evolução familiar, porém, que se torne um problema, depende da forma como a família reage à situação. No discurso apresentado, as alterações no desenvolvimento da linguagem são atribuídas a questões mais afetivas, relacionais, ou características da própria criança. São respostas que, na perspectiva de Papp (1992), relacionam-se mais no nível emocional. Fica evidenciada a necessidade de atenção manifestada pela criança, o que não significa ausência do comprometimento real da linguagem.

D – Utilização de muitos gestos (13% das respostas)

O problema dele é ter que gesticular muito para explicar o que quer, aponta para mostrar e ele fica nervoso quando a gente não entende. Faz muito gesto no lugar da fala. Já percebi que ele, na maioria das vezes, fala por gestos, tudo ele consegue com gestos e sabe que a gente entende. Na escola, ele comunica com os colegas, mas tem que gesticular muito para eles entenderem, em casa é menos, a gente entende mais rápido...

Trevarthen e Marwick (1986) mostram que movimentos manuais são geralmente sincronizados aos sons, o que é uma das formas que possibilita pais e filhos aprenderem a sintonizar-se uns com os outros. Os gestos são precursores da linguagem e manifestam necessidades e intenções da criança. Zanober e Martlew (1985) indicam os gestos expressivos como forma de transmitir reações emocionais positivas e negativas. O neuropsicólogo português Fonseca (1988) reforça essas percepções e afirma que as possibilidades cognitivas da crian-

ça, na interação com o meio, transformam movimentos simples de descarga motora em gestos significativos, carregados de intenções.

Portanto, a comunicação inclui o comportamento não verbal. Os movimentos e sons da criança são decodificados pelos pais, produzem variações internas entre eles, que podem, assim, partilhar emoções. Gestos são formas adequadas e complementares de linguagem, mas espera-se que sejam associados à linguagem oral. A reação, comumente observada, de compreender o filho só pelos gestos que ele realiza pode dificultar a aquisição da linguagem.

E –Violência familiar e trauma (13% das respostas)

Problema de fala é área de violência que a criança assiste em casa, dá trauma, meu caso é este, tive muita contrariedade na gravidez, muita briga de família, aí ele não fala. Até eu separar, eu e meu marido brigava muito, acho que ele ficou com trauma. Nós também tivemos um acidente de carro e ele foi jogado para fora, não machucou não, mas pode ter prejudicado. Eu não sei se é psicológico, se ele sente falta de alguma coisa. Na minha opinião, o problema tem a ver com a vida que ele levou desde pequeno e ficou algum trauma. Quando a criança é adotiva, pode ser que sofreu com a mãe verdadeira, se ela judiava dele, fica marca.

O discurso sugere a culpabilização dos pais e familiares. Culpas são paralisadoras, geram atrito, dificultam relacionamentos funcionais e constituem outra fonte de problemas. A violência familiar evidenciada é um inimigo silencioso e está cada vez mais presente nas diversas camadas sociais. As causas atribuídas a essa categoria podem ser relacionadas às concepções ideativas propostas por Papp (1992), segundo as quais os membros da família, para compreenderem o problema, procuram explicações que estejam de acordo com suas compreensões e reagem às situações, com base nessas formulações.

Observou-se ainda grande necessidade dos pais de afirmarem que a criança não apresentava problemas de inteligência e que compreendiam tudo que se passava a sua volta: *“Acho que ele é muito inteligente, tem raciocínio muito rápido e na hora de falar não acompanha, aí embola. Não é mesmo*

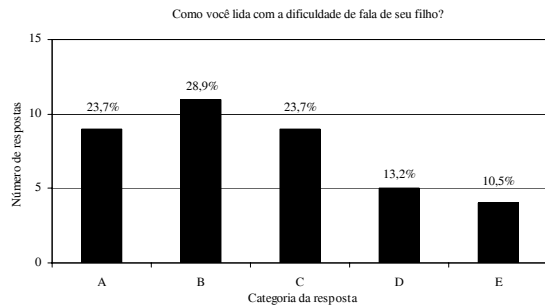
problema de inteligência, aprender ele aprende, é muito esperto e presta atenção em tudo". Alguns, ao serem questionados sobre as dificuldades do filho, diziam não saber realmente o que ocorria, qual era o problema; declaravam sentir-se impotentes pela falta de conhecimento, mas, após refletirem, formulavam respostas explicativas para a situação.

O outro objetivo desta pesquisa foi verificar que recursos os familiares utilizam para o enfrentamento das dificuldades de fala das crianças. Observaram-se várias intervenções dos familiares para ajudar a criança. A análise dos discursos apresentados a seguir demonstra que as concepções dos familiares sobre as dificuldades que vivenciam norteiam suas ações.

Quanto à pergunta: *"Como você lida com a dificuldade de fala de seu filho?"*, foram obtidas 38 respostas que permitiram a seleção das seguintes categorias:

- A – Correção
- B – Compreensão e estimulação pessoal interativa
- C – Criar situações interativas com outras crianças
- D – Estimulação com objetos
- E – Busca de apoio e informações

Gráfico 2 – Número e porcentagem de respostas versus categoria da resposta



De acordo com essas categorias, e a partir das idéias centrais, foi construído o seguinte Discurso do Sujeito Coletivo:

A – Correção (23,7% das respostas)

Corrijo, zango, mostro o jeito certo, ensino a falar direito, mostro as coisas, mando ele falar o nome, repetir o que eu disse. Falo a palavra correta para ele, por exemplo "á-gua". Se a gente pronuncia lentamente, sílaba por sílaba com ele, ele

consegue falar a palavra, quase toda, mas quando a gente pede para ele falar tudo, aí ele não consegue pronunciar a palavra toda junta, troca tudo. Às vezes, a gente força ele a falar e ele fica nervoso, fica agitado, começa a chorar. Eu, tem hora que fico nervosa e bato, xingo mesmo, "seu burro". Coitado, depois morro de dó. Fico achando que é preguiça e brigo com ele, eu irritado fácil, grito muito, coloco de castigo.

As respostas evidenciam que as dificuldades da criança geram reações emocionais nos pais, então várias tentativas são feitas visando a ajudar o filho a se expressar. Algumas delas são positivas, outras são claramente desfavoráveis e ocorrem, muitas vezes, de forma agressiva. Percebe-se que o nível comportamental descrito por Papp (1992) é dominante nesse discurso e que os comportamentos das crianças geram reações emocionais.

Segundo Law (2001), os pais de crianças com dificuldades de linguagem são menos compreensivos e mais críticos do que os de crianças com desenvolvimento normal de linguagem. Segundo esse autor, as mães dessas crianças tendem a satisfazer suas necessidades físicas, mas não se envolvem ativamente com elas. Ele considera, portanto, ser este um fator determinante na produção e manutenção da dificuldade.

B – Compreensão e estimulação pessoal interativa (28,9% das respostas)

Fico com dó, tenho paciência e tento entender, escutar, espero ele falar, pergunto até captar alguma coisa. Mas, muitas vezes, demora e não tenho muito tempo, a gente já chega em casa cansado e acabo falando por ele. Minha esposa tem mais paciência com ele que eu. É uma criança curiosa, quer saber das coisas, aí eu mostro, levo no supermercado, vou falando os nomes para ela. Tento conversar mais, mostrar as coisas, incentivar. Vejo que ele precisa muito de mim, aí eu trato como neném, dou o colo, mesmo ele tendo quatro anos.

Cunningham et al. (1985) verificam que crianças com dificuldade na aquisição da linguagem participam de conversações, iniciando-as, mas as mesmas são completadas pelas mães, o que as tornam crianças mais passivas.

A comunicação que se estabelece entre duas pessoas qualifica, valoriza ou, pelo contrário, desqualifica e reduz a auto-estima. Disponibilidade corporal, capacidade de escuta e tom de voz serão determinantes no valor que se dá ao conteúdo e à pessoa que fala. O discurso, nessa categoria, indica que muitos pais se tocam com as dificuldades do filho e, amorosamente, tentam ser compreensivos e estimular a conversação. Mas, como visto anteriormente, as dificuldades dos filhos provocam reações emocionais nos pais e suas atitudes e comportamentos oscilam entre cuidados adequados, impaciência e superproteção. Na superproteção, os pais acreditam que a criança necessita de cuidados de bebê e desenvolvem comportamentos mais regressivos que podem dificultar a evolução da criança.

C – Criar situações interativas com outras crianças (23,7% das respostas)

Como eu não consigo conversar com ele, coloco com outra criança ou com a irmã, ela entende tudo, é menor e fala mais. Já pensei em colocar na escola, com a irmã deu certo. Ele é curioso, tá interessado em letras, fica vendo os irmãos e está aprendendo. Escola ajuda muito, mas não consigo levar ainda.

Vygotsky (1984,1987) refere-se à importância do relacionamento social e da convivência com outras crianças para a estimulação do potencial e a realização das possibilidades da criança, inclusive de linguagem. Para o autor, é no ambiente social que a criança aprende a interagir, conhece a si mesma e ao outro, reconhece as próprias necessidades, bem como as do outro. Maturana e Varela (2004) também enfatizam a importância das interações e relações sociais, ao considerarem que construímos o mundo em que vivemos, em compartilhamento com outras pessoas e demais seres vivos.

A tentativa de criar situações interativas e estimulantes é muito adequada ao desenvolvimento das crianças e deve ser estimulada nos pais. Os pais, pelas próprias experiências de vida, percebem que uma criança ajuda a outra a se desenvolver e buscam essa alternativa, demonstrando conhecerem, intuitivamente, tais benefícios.

D – Estimulação com objetos (13,2% das respostas)

Ela é observadora e gosta de brincar. Aí sempre que dá compro um brinquedo novo. Ela também gosta de mexer e tirar da prateleira as tampas de panela, aí deixo, espalha joguinhos de madeira, dominó, fica espalhando tudo, é o jeito dela brincar, acho que devagar vai entender. Muitas vezes, enquanto eu faço meu serviço na casa, deixo na TV, ela fica apertando os botões, mas não assiste, gosta da Xuxa, eu ligo e ela fica lá, mas não assiste tudo não, gosta mais das aberturas dos programas.

Vygotsky (1987) demonstra que há correlação entre a aquisição de linguagem e a habilidade de a criança brincar. Crianças com dificuldades de linguagem têm mais dificuldades em realizar brincadeiras simbólicas e são menos eficazes na utilização de objetos de forma representativa em suas brincadeiras. Scheuer et al. (2003), referindo-se à criança pequena, afirmam que a curiosidade natural pelo novo e a exploração do ambiente possibilitam a gradual integração e interiorização de informações, as quais resultam, posteriormente, em comunicação e linguagem.

Fica evidenciado, no discurso dos familiares, que os pais notam a necessidade e o interesse das crianças em brincar, porém verificam-se sinais de atraso dessas crianças nas habilidades para lidar com o ambiente e dificuldades em desenvolver brincadeiras simbólicas. Brincar é uma forma natural de a criança explorar e conhecer o mundo, seus significados, relações e seu próprio lugar na vida dos adultos. É desejável que toda criança brinque e, quando está apta a fazê-lo, ela utiliza qualquer objeto de forma simbólica.

A TV, muitas vezes, é utilizada pelo adulto como “babá eletrônica” de crianças, tema muito controvertido, dentre outros motivos, por levar à recepção passiva sem retorno às manifestações da criança.

E – Busca de apoio e informações (10,5% das respostas)

Eu procuro recursos, pessoas, conhecer mais. Acompanho ele na escola, passo o que sei para as pessoas que cuidam dele lá. A gente, nessa parte, é muito limitado. Ninguém interessa em ensinar pra

gente. *Eu não quero forçar, quero ajuda de um profissional pra me orientar. Eu comecei a procurar médicos, mandaram eu vir para cá, para descobrir qual era o problema dele.*

Os familiares preocupam-se com os filhos, contudo não têm muitos recursos para lidar com as alterações de linguagem percebidas. Eles estão receptivos e desejam ajuda e orientação para o enfrentamento das dificuldades.

Apesar de serem crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem, observa-se que todas se comunicam de alguma forma porque é impossível não se comunicar. Os seres humanos estão sempre respondendo à comunicação, embora, em presença de dificuldades de aquisição da linguagem verbal, haja tendência a acreditar que ela não esteja ocorrendo.

Como foi visto no referencial teórico, a comunicação que se estabelece entre duas pessoas qualifica, valoriza ou, pelo contrário, desqualifica e reduz a auto-estima. A disponibilidade corporal, a capacidade de escuta e o tom de voz serão determinantes no valor que se dá ao conteúdo e à pessoa que fala. Observou-se que a postura dos pais oscila entre qualificar e desqualificar a comunicação da criança:

Ela é curiosa, quer saber das coisas, aí eu mostro, levo no supermercado, vou falando os nomes para ela. Tento conversar mais, mostrar as coisas, incentivar... Tento corrigir, às vezes zango, tem hora que ela me esquenta a cabeça... Às vezes, a gente força ela a falar e ela fica nervosa, fica agitada, começa a chorar...

Comunicação é relação que influencia o comportamento das pessoas envolvidas, dá significado aos eventos, às pessoas, oferece uma definição do eu e do outro e viabiliza o sentimento de pertinência ao grupo. Nos casos analisados, percebe-se que a valorização da comunicação da criança nem sempre ocorre. Tal fato poderá constituir mais um complicador no processo evolutivo, já comprometido.

Os dados do presente estudo indicam que as concepções familiares estão muitas vezes perpassadas por crenças e noções inadequadas, gerando situações que podem ser identificadas como problemas, que afetam os relacionamentos nos níveis comportamental, emocional e ideativo:

- Comportamental – os comportamentos de uma pessoa afetam os de outra, e os sintomas podem

representar problemas e ganhos: *“Fico achando que é preguiça e brigo com ele, eu irritado fácil, grito muito, coloco de castigo... Sempre que dá compro um brinquedo novo ...”*.

- Emocional – refere-se à forma como os sentimentos são vivenciados e expressos: *“Tenta falar o tempo todo, fica agitado e ninguém entende, é muito triste... Eu, tem hora que fico nervosa e bato, xingo mesmo, “seu burro”; coitado, depois morro de dó...”*.
- Ideativo – como os membros da família procuram identificar e compreender o problema: *“Eu não sei se é psicológico, se ele sente falta de alguma coisa... Na minha opinião, o problema tem a ver com a vida que ela levou desde pequena e ficou algum trauma...”*.

Crianças e pais estabelecem relações comunicacionais recursivas, pautadas pelas reações “nervosas” e insatisfatórias. Ocorrem falhas na capacidade de expressão dos filhos e na sua compreensão pelos pais. As explicações que os familiares dão para as dificuldades dos filhos demonstram sentimentos de culpa, que podem tornar-se paralisantes e deixá-los impotentes para lidar com a situação. É ainda interessante notar que os pais, ao explicarem o que entendem que seja o problema do filho, tentam encontrar suas causas, evidenciando, em muitos momentos, os sentimentos de culpa e, em outros, apoiando-se em justificativas externas.

Considerações finais

A partir deste estudo, foi possível perceber que o desejo de comunicar está presente nas crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem. As dificuldades delas têm se tornado um problema no contexto familiar e gerado desconfortos e conflitos.

Os familiares preocupam-se com a dificuldade dos filhos, mas não dispõem de muitos recursos para lidarem com ela e ficam à espera de ajuda. Sentem-se sem referência, no contexto em que vivem, e as dificuldades que enfrentam não existem para outras crianças. O que os seus filhos conseguem falar parece pouco para os amigos e familiares. Como ainda aguardarão para o atendimento especializado, as dificuldades detectadas poderão ser ampliadas. Essa situação, juntamente com respostas obtidas, como: *“A gente, nessa parte, é muito limitado, ninguém interessa em ensinar pra gen-*

te... *Eu não quero forçar, quero ajuda de um profissional pra me orientar...*”, demonstra a necessidade de reflexões mais amplas sobre o tema pelos profissionais de saúde, pesquisadores e todos os envolvidos em processos educacionais. Muitos cidadãos temem buscar informações e não reconhecem seu direito legítimo de tê-las. Por outro lado, é comum não encontrarem disponibilidade e escuta real nos profissionais de saúde. As angústias e os problemas vivenciados podem gerar sérias dificuldades no desenvolvimento e na aprendizagem futura dessas crianças. A escuta das dificuldades dos familiares e a orientação adequada são essenciais para que aprendam a lidar com a situação. Embora, muitas vezes, as alterações de linguagem sejam pouco valorizadas, inclusive pelos profissionais, a linguagem é fundamental no processo de conhecer o mundo, conhecer-se e definir-se como identidade. Mente e consciência são geradas na relação de trocas lingüísticas. A necessidade do olhar preventivo da Educação em Saúde fica evidente nessa pesquisa e abrange todos os profissionais da área de saúde. Isso mostra a relevância de conhecer e discutir o problema, para posteriormente atuar junto aos familiares de crianças que requerem cuidados especiais, pois, de alguma forma, qualquer profissional de saúde pode estar envolvido em questões dessa natureza.

Este trabalho, iniciado com entrevistas semi-estruturadas, teve continuidade como proposta preventiva de Educação em Saúde, para reduzir os possíveis danos relacionais que essas crianças poderiam ter enquanto aguardavam pelo atendimento especializado. Foi uma experiência científica e, principalmente, de cidadania, poder ouvir e acolher os familiares de crianças com alterações no desenvolvimento da linguagem, em seus problemas e angústias.

Referências

- Bishop DE, Adams C. A Prospective study of the relationship between specific language impairment, phonological disorder and reading retardation. *J Child Psychol Psychiatry* 1990; 31(7):1027-51.
- Cunningham C, et al. The behavioural and linguist interations of specifically language delayed and normal boys and their mothers. *Child Development* 1985;56:1389-1403.
- Fonseca V. *Psicomotricidade*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
- Goolishian HAE, Winderman L. *Construtivismo, autopoiesis y sistemas determinados por problemas. Sistemas Familiares*. Buenos Aires. Ano 5 No.3: 19-29, 1989.
- Law, James. Identificação precoce de distúrbios da linguagem na criança. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. Cap 2 E 3.
- Lefèvre FE, Lefèvre AMC. O discurso do sujeito coletivo: um enfoque na pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS; 2003.
- Lefèvre F, Lefèvre AME, Salles LA. Discurso do sujeito coletivo (DSC), Qualiquantisoft [software na internet]. São Paulo: Spi-Sale & Paschoal Informática; [2004]. [acesso em 10 nov. 2004]. Disponível em: <http://www.spi-net.com.br/html/software.html>.
- Maturana HRE, Varela FJ. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena; 2004.
- Papp, Peggy. *O processo de mudança*. Porto Alegre: Artes médicas; 1992. Cap.3
- Piaget J. *A construção do real na criança*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1975. p. 326-60.
- Piaget J. *O nascimento da inteligência na criança*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1975. p.311-34.
- Scheuer IC, Befi-Lopes DML, Wertzner HF. Desenvolvimento da linguagem. In: Limongi SCO, organizadora. *Fonoaudiologia informação para a formação: linguagem, desenvolvimento normal, alterações e distúrbios*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 1-18.
- Tobar F, Yalour, Margot R. *Como fazer teses em saúde pública: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas*. Rio De Janeiro: Fiocruz; 2001.
- Trevarthen C, Marwick H. Signs of motivation for speech in infants, and the nature of mother s support for the development of language. In: Lindblom B, Zetterstrom R, editors. *Precursors of early speech*. Basingstoke, Hants: Macmillan Press, 1986. p.279-308.
- Turato, Egberto R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes; 2003.
- Vygotsky LS. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes; 1984.
- Vygotsky LS. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
- Zanober B, Martlew M. The development of communicative gestures. In: Barrett M, editor. *Children S single word speech*. London: Wiley; 1985. p.183-215.

Recebido em julho/05; aprovado em novembro/06.

Endereço para correspondência

Maria Elizabeth Siqueira Lemos
Rua Leopoldina, 790, ap. 701, Bairro Santo Antonio,
Belo Horizonte, CEP 30330-230

E-mail: siglemos@terra.com.br

